



De madrugada, o acordo para conter a revolta

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Mais uma batalha de Itararé. O PMDB, novamente, ameaçou, mas não conseguiu virar a mesa. Ou, no caso, não conseguiu evitar a eleição da Mesa-diretora da Câmara. Para isso concorreu, principalmente, o próprio presidente da República. Sarney disse a quem podia interessar que o governo não gostaria de um "impasse" criado pelo PMDB, capaz de agravar a crise, envolvendo o Senado e o Poder Judiciário.

A moção da bancada do PMDB, pelo cancelamento da eleição da Mesa da Câmara, começou a perder fôlego na manhã do dia 1º, quando o Senado, tranqüila e pacificamente, elegeu seus novos dirigentes. Depois disso, vários líderes do PMDB, eleitos e reeleitos senadores, passaram a minar a resistência dos "xiitas" da bancada na Câmara, principalmente de deputados gáuchos, auxiliados pelo PCB, PC do B e PT.

O PFL, o PDS, o PTB, o PDC e o PL também reagiram, até com veemência. Os líderes José Lourenço e Amaral Neto disseram a Ulysses Guimarães e a Pimenta da Veiga, com todas as letras, que, se adiada ou sustada a eleição da Mesa-diretora, não haveria mais acordo. O risco seria evidente. Questão aberta nas bancadas seria a última coisa desejada pelo presidente do PMDB, na sua caminhada a presidente da Câmara e presidente da Assembléia Constituinte.

Os pequenos partidos — PT, PDC, PL — também avisaram: a tentativa de adiar a eleição dos dirigentes da Câmara provocaria uma reviravolta. Não haveria mais acordo. Sem acordo cresceria a candidatura dissidente do deputado pernambucano Fernando Lyra.

Pacto na Madrugada

Alguns ministros do PMDB, tendo à frente Raphael de Almeida Magalhães, entraram no circuito. Mostraram a Ulysses e aos líderes do movimento rebelde do PMDB que o quadro poderia agravar-se — para o candidato oficial, para o partido, para a Constituinte, com evidentes repercussões na ação do governo Sarney.

Nos intervalos da sessão de instalação da Assembléia Constituinte, e após seu término, até às 4 horas da madrugada de ontem, foram realizadas diversas reuniões. O presidente Sarney, informado de tudo, procurou desestimular os "xiitas" do PMDB, mostrando a inconveniência do adiamento ou da suspensão da eleição da Mesa da Câmara. Os líderes do PFL reuniram-se no gabinete do deputado Humberto Souto, domingo à noite, com a presença do ministro Aureliano Chaves, presidente de honra do partido. Se havia relutantes, no final não havia mais nenhum. Todos do PFL passaram a defender a eleição da Mesa, dispostos, inclusive, a deixar de lado a candidatura Ulysses — se o presidente do PMDB trabalhasse pela proposta da bancada pela não-eleição.

Do lado do PMDB, vários deputados conseguiram convencer os mais afoitos. Euclides Scalco, José Costa, Prisco Viana, Cid Carvalho e

outros conseguiram esfriar os ânimos dos gáuchos e dos uelenses da não-eleição da Mesa-diretora. Os partidários da candidatura Fernando Lyra já tinham até alguns esquemas. Se acontecesse a derrota de Ulysses Guimarães, seria escolhido outro candidato a presidente da Constituinte — possivelmente o senador Mário Covas, também paulista e uma das novas "estrelas" do PMDB. Se derrotado Fernando Lyra, o deputado fluminense Lisâneas Maciel (PDT) seria lançado como anti-candidato, para marcar posição.

Entre marchas e contra-marchas, avanços e recuos, chegou-se a uma solução conciliatória. O deputado Cid Carvalho (MA) mostrou que o melhor caminho seria a apresentação, no plenário, de requerimento expressando a moção da bancada, solicitando que fossem sustadas a eleição da Mesa e as atividades da Câmara e do Senado, até que o plenário da Assembléia Constituinte se pronunciasse sobre o funcionamento, ou não, do Poder Legislativo ordinário. A Mesa rejeitaria e a eleição se realizaria normalmente.

O líder Pimenta da Veiga relutou em apresentar o requerimento, mas foi convencido a fazê-lo, já que, como líder, teria de expressar a posição majoritária da bancada.

O trabalho, depois, foi acertar com o 1º vice-presidente da Mesa anterior, Humberto Souto (PFL-MG) — que iria dirigir a sessão, pois, como candidato a presidente, Ulysses se afastaria. Souto ficou confuso. Uma hora dizia que não aceitaria, depois dizia que aceitaria o requerimento do PMDB. Na reunião, com Aureliano Chaves e líderes do PFL, Humberto Souto, finalmente, foi convencido a não aceitar o requerimento e nem aceitar qualquer recurso regimental capaz de protelar a eleição. O PMDB queria, pelo menos, adiar até hoje ou amanhã a eleição da Mesa, para que Ulysses se apresentasse como candidato a presidente da Câmara já eleito presidente da Assembléia Constituinte. Não deu certo.

NO FIM, O RECUE

Diante da nova realidade — a maioria do plenário a favor da eleição da nova Mesa da Câmara, o PMDB e os "xiitas" tiveram que recuar. Antes, porém, decidiram que melhor seria perder reclamando, protestando, gritando. A *mise-en-scene* no plenário foi bem ensaiada e bem executada, com o auxílio do PT, do PCB e do PC do B.

A eleição foi mantida e o PT, bem antes, havia lançado a candidatura da deputada Irma Passoni a suplente da Mesa, comunicada formalmente no plenário pelo deputado José Genófnio, que momentos antes "tentara" impedir a eleição dos novos dirigentes da Casa, no esquema da chamada Constituinte exclusiva.

Correu tudo como estava previsto antes da rebeldia parcial do PMDB. Se não existisse a candidatura dissidente de Fernando Lyra, o PMDB, possivelmente, utilizaria sua maioria absoluta e poderia sustar toda a eleição e o funcionamento do Congresso, apesar do protesto do Senado. Os novos dirigentes devem agradecer a Fernando Lyra pela ajuda.

F.M.